



screenspace curated by / curadoria de
vik muniz, barney kulok, lucas blalock

roesler hotel #28

galeria

nara roesler

artistas

anna k.e.

awol erizku

barney kulok

chris wiley

daniel gordon

deana lawson

dillon dewaters

erin shirreff

hannah whitaker

jibade-khalil huffman

john houck

jonathan ehrenberg

leah beeferman

leslie hewitt

lucas blalock

mariah robertson

paul mpagi sepuya

sara cwynar

vik muniz

whitney hubbs

A **Galeria Nara Roesler | São Paulo** apresenta a 28ª edição de Roesler Hotel: *Screenspace*, exposição que apresenta produções recentes de vinte artistas dedicados a pensar a cultura visual contemporânea por meio das problemáticas que envolvem a linguagem fotográfica em um contexto pós-digital.

A curadoria da mostra é de Vik Muniz, Lucas Blalock e Barney Kulok, cujos trabalhos também integram a exposição. *Screenspace* é apresentada como um sintoma de como a fotografia digital mudou definitivamente a nossa percepção sobre o mundo ao nosso redor.

A construção das noções de verdade e realidade, ou o vínculo indicial entre o que é fotografado e sua representação, temas tradicionalmente caros à fotografia, seguem presentes nas pesquisas desses artistas. No entanto, o que mais se destaca na mostra é o interesse por pensar as tecnologias digitais não como simples ferramentas, senão como dispositivos capazes de remodelar nosso imaginário e o modo como nos relacionamos com as imagens.

imagem capa:

Vik Muniz

Handmade: Letter rack (Acqua and grey ribbon), 2017

técnica mista sobre impressão inkjet em papel archival

76,2 x 55,88 cm

Anna K.E.

n. 1986, Tbilisi, Geórgia. Vive e trabalha em Nova York, EUA.

Anna K.E. trabalha com instalação, escultura, vídeo e performance, além de fotografia. Seu trabalho concentra-se em explorações espaciais e na espoliação das arquiteturas, de maneira que é marcado frequentemente por um compomisso jocoso. Em seus vídeos, ela se envolve em atividades absurdas, como tentar dobrar um colchão em seu corpo, brincando com as tensões de um empreendimento artístico. O trabalho apresentado na 28ª edição de Roesler Hotel: *Screenspace, In Intangible Economies of Desires (Elbow # 1)*, faz parte de uma nova série em que imagens de partes do corpo são envoltas em dispositivos tecnológicos. Neste caso, não apenas o braço é suportado por, ou então suporta, uma armadura no espaço da imagem, mas a impressão a jato de tinta é ainda cercada por obturadores transparentes, LEDs piscantes e estruturas metálicas brilhantes. O trabalho de K.E. é uma visão idiossincrática da corporalidade, e não uma ilustração didática do “pós-humano”, nem um lamento sobre a alienação tecnológica, mas algo fascinante, possivelmente ciborgue, que pertence entre esses significados.

Anna K.E. realizou muitas exposições individuais em locais como a galeria Simone Subal, em Nova York, EUA (2015, 2013); Galerie Barbara Thumm, Berlim, Alemanha (2015, 2013); Mannheimer Kunstverein, Mannheim, Alemanha (2012); Galeria Figge von Rosen, Colônia (2013, 2011); e Kunstverein Leverkusen, Leverkusen, Alemanha (2011); além de participar de mostras coletivas no The Kitchen, em Nova York (2015); Museu de Arte Contemporânea, Santa Bárbara (2015); Kunstverein Wiesen, Wiesen, Alemanha (2015); Kunst Raum Riehen, Suíça (2015); KAI10, Quadriennale Düsseldorf, Alemanha (2014); Museu de Arte Petach Tikva, Israel (2014) e The Renaissance Society, Chicago (2012).

Anna K.E

Intangible Economies of Desires (Elbow #1), 2018

render 3D, impressão inkjet, lápis, luz, persiana de alumínio

62,87 x 125,73 x 12,07 cm

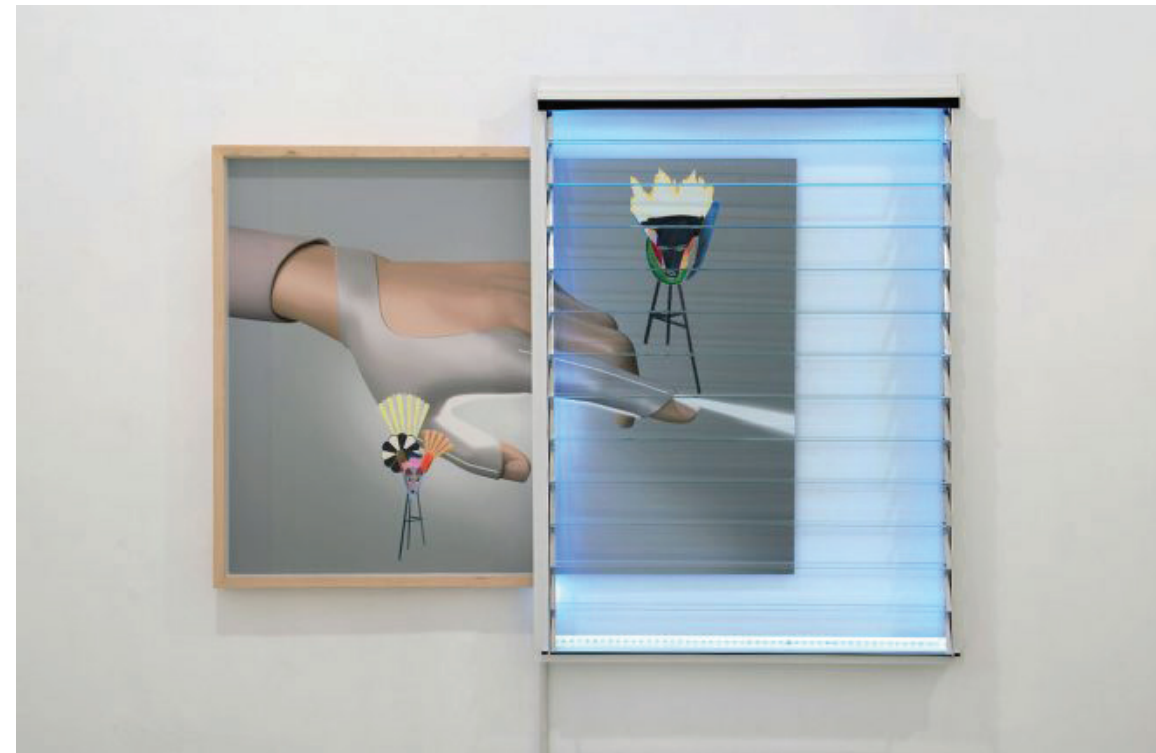


imagem de referência | Anna K.E. *Intangible Economies of Desires #1*, 2016. Imagem cortesia Simone Subal Gallery.

Awol Erizku

n. 1988, Addis Ababa, Etiópia. Vive e trabalha em Los Angeles, EUA.

Awol Erizku trabalha com diversas mídias, incluindo fotografia, escultura, instalação e montagem, muitas vezes trabalhando através de registros culturais para realizar novas conjunções. Erizku usa frequentemente a história da arte canônica misturada com a cultura pop, como em um trabalho de 2014 em que reinventou artistas e críticos influentes como Oakland Raiders do futebol americano através de um rack de camisetas personalizadas, ou em outro em que ele reimagina uma pintura de Vermeer como uma fotografia de uma babá afro-americana. Esses trabalhos apontam para um discurso mais amplo sobre a representação dentro e fora da arte. Para a 28ª edição de Roesler Hotel: *Screenspace*, Erizku apresenta o trabalho *Teen Venus* (2013), que toca de forma consciente e sedutora entre o clássico e o tablóide na encenação de uma adolescente contemporânea como a mitológica Vênus.

Erizku, mais conhecido por um grupo de retratos que fez da cantora Beyoncé, expôs amplamente no curto período de tempo que está fora da pós-graduação. Expôs recentemente no Museu de Arte Moderna (MoMA), em Nova York; no The Studio Museum, Harlem, em Nova York; e no *The Only Way is Up* no Hasted Kraeutler, em Nova York. Exposições individuais recentes incluem *New Flower | Images of the reclining Venus* na The FLAG Art Foundation, em Nova York, e *Bad II the Bone* apresentado no local da exposição nômade, *Duchamp Detox Clinic*, pela Night Gallery, em Los Angeles

Awol Erizku

Teen Venus, 2013

fotografia edição 1 de 3

137,16 x 111,76 cm



Barney Kulok

n. 1981, Nova York, EUA. Vive e trabalha em Nova York, EUA.

Barney Kulok é um fotógrafo cujo trabalho se baseia nos prazeres da atenção. Os projetos de Kulok evoluíram de um conjunto de vídeos fixos, através de trabalhos fotográficos independentes para um projeto recente que reinventou o local de construção do Parque Franklin D. Roosevelt Four Freedoms de Louis Kahn como um estúdio externo. A prática de Kulok explora a poética do gesto fotográfico, ao mesmo tempo em que nega que novas ideias na fotografia devam envolver o artifício da tela, do computador e do estúdio. Na 28ª edição de Roesler Hotel: *Screenspace*, Kulok exibe uma foto recente intitulada *Untitled (Picture for Ron)* (2017), que mostra uma atração trivial na estrada: uma pintura de compensado de duas figuras de desenho animado, com os rostos cortados para permitir que os transeuntes insiram suas cabeças nos corpos de halterofilistas, criadores de gado ou caubóis. Ao retratar o lado errado, a fotografia transforma a parte feita para ser fotografada em uma composição quase abstrata, reorientando as formas para sugerir uma face ou uma máscara. Essa inversão reposiciona o espectador na localização do assistente, ao mesmo tempo em que obstrui nossa visão, enquanto nos convida a olhar e ser visto.

Kulok expôs nacional e internacionalmente em grupo e exposições individuais, incluindo Galerie Hussenot, Paris; Galeria Wentrup, Berlim; de Pury e Luxemburgo, Zurique; e Nicole Klagsbrun, Nova York. A primeira monografia de Kulok, *Building (Aperture, 2012)*, inclui textos do arquiteto Steven Holl e do cineasta Nathaniel Kahn. Em 2014, Kulok e Vik Muniz co-editaram a edição do 20º aniversário da revista *Blind Spot* e, em 2016, Kulok fundou a Hunters Point Press para publicar trabalhos desconhecidos e pouco reconhecidos por artistas, fotógrafos e arquitetos. O primeiro livro, *Photobooth Pieces*, foi publicado em 2016 e o segundo livro, *Janice Guy*, será lançado em setembro de 2018. Ele é representado pela Galerie Eric Hussenot, Paris.

Barney Kulok

Sem título (Picture for Ron), 2017

impressão de pigmento sobre papel de algodão

edição 1 de 5 + 2 AP

101,6 x 81,28 cm



Chris Wiley

n. 1981, Nova York, EUA. Vive e trabalha em Nova York, EUA.

Chris Wiley trabalha principalmente com fotografia, e seu trabalho lida com as intersecções peculiares do ambiente urbano. Seu primeiro grande trabalho, *Technical Compositions*, é uma análise elegante do espaço construído através de estudos de detalhes arquitetônicos sem horizonte, enquanto seu trabalho mais recente reinventa essas preocupações através da materialidade. Seu acompanhamento, *Ding Bats*, traz um vernáculo arquitetônico substituído para a galeria, não apenas nas fotos, mas também no enquadramento das obras em carpete, estuque e folha de alumínio para isolamento. Em seu novo corpo de trabalho chamado *Bad Signs*, Wiley leva esse impulso ainda mais longe, combinando elementos fotográficos e materiais encontrados em composições do tamanho de uma parede que falam tanto da experiência direta de estar na frente das coisas quanto de vê-las retratadas, embora, claro, Wiley tenha feito isso com seu senso único de apuro cômico.

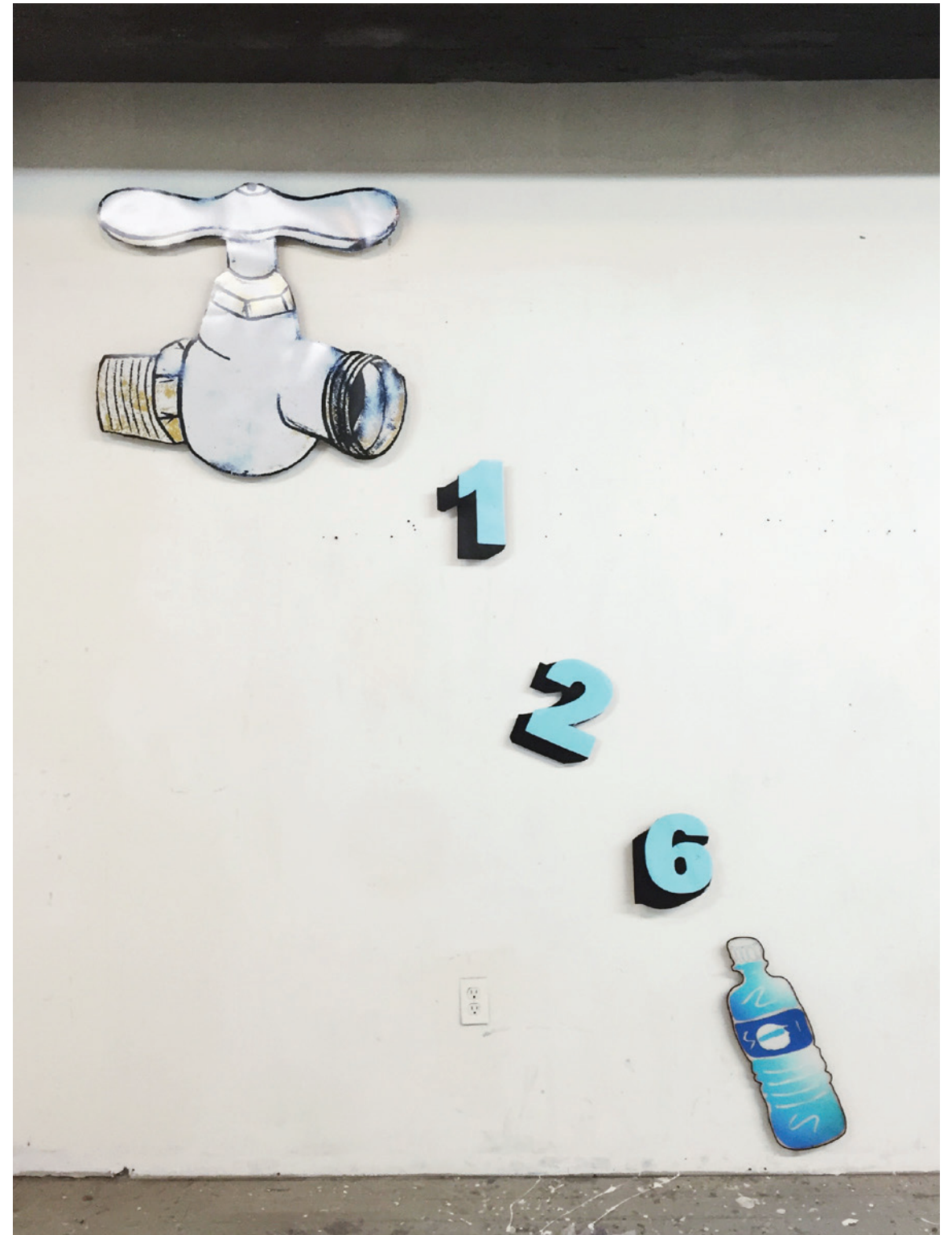
Chris Wiley é artista e escritor. Seu trabalho fotográfico apareceu em exposições no MoMA PS1, Atlanta Contemporary, Hauser e Wirth, Marian Goodman e Nicelle Beauchene Gallery e na monografia *Technical Compositions*, publicada por Etudes (2014). Wiley também é escritor, e seus textos têm aparecido em inúmeros catálogos de exposições e revistas, incluindo *Caleidoscópio*, *Mousse* e *Frieze*, onde ele é editor colaborador. Escreve regularmente sobre fotografia para o *New Yorker*.

Chris Wiley

Drought, 2018

impressão de sublimação de tinta, aço e tinta a óleo

243,84 x 182,88 cm



Daniel Gordon

n. 1980, Boston, EUA. Vive e trabalha em Nova York, EUA.

Daniel Gordon interessa-se pelos mecanismos de construção de imagens, aludindo, em muitas de suas obras, a ícones da história da arte. Gordon começa esses trabalhos imprimindo imagens disponíveis na Internet e costurando-as manualmente para criar um quadro 3D, nesse caso, uma natureza morta, que ele fotografa. O elaborado ato de substituição de Gordon pede ao espectador que considere um mundo mediado por imagens, ao mesmo tempo que nos atrai para um jogo espacial complexo.

Gordon publicou e exibiu amplamente. Publicou várias monografias: *Still Lifes, Portraits, and Parts* (Mörel, 2013), *Flowers and Shadows* (Onestar Press, 2011) e *Flying Pictures* (powerHouse Books, 2009). Seu registro de exibição inclui exposições individuais na Galeria James Fuentes, Nova York, M + B, Los Angeles, Foam Fotografiemuseum, Amsterdã e Wallspace, Nova York. Exposições em grupo incluem *Cut! Paper Play* na Contemporary Photography no Getty Museum em Los Angeles, *Out of Focus* na Saatchi Gallery em Londres e *New Photography 2009* (2009-10), no Museu de Arte Moderna (MoMA), em Nova York



Daniel Gordon

***Philodendron and Bust with Vessels and Fruits*, 2017**

impressão de pigmento edição 3 de 3

126,37 x 157,95 cm

Deana Lawson

n. 1979, Rochester, EUA. Vive e trabalha em Nova York, EUA.

Deana Lawson produz imagens íntimas de pessoas e lugares, mesclando fotos reais, encenadas e encontradas. Lawson esboça quase todos os elementos de suas composições no papel antes de fazer a foto final. Explorando as convenções de retratos ocidentais e africanos, Lawson diz que examina “a capacidade do corpo de canalizar histórias pessoais e sociais, baseando-se nas várias línguas formais e informais do meio e em suas capacidades de arquivamento”. Além de fazer fotos em sua casa no Brooklyn, Nova York, Lawson viaja para fazer suas fotos em locais que, em conjunto, representam um retrato da diáspora africana e, por sua vez, da identidade afro-americana. Fotografou em Louisiana, Jamaica, África do Sul, Etiópia, Haiti e República Democrática do Congo, entre outros.

As fotografias de Lawson tem sido exibidas em importantes instituições, incluindo o Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), o Museu Whitney de Arte Americana e o Instituto de Arte de Chicago. Para a 28ª edição de Roesler Hotel: *Screenspace*, Lawson apresenta *Funeral Wallpaper* (2013).



Deana Lawson

Funeral Wallpaper 2013

impressão de pigmento

edição 3 de 3

118,8 x 139,7 cm

Dillon DeWaters

n. 1973, EUA. Vive e trabalha em Nova York, EUA.

Dillon DeWaters é um artista que trabalha com fotografia e vídeo em busca de um além, ou de um traço do milagroso. DeWaters aborda isso através de uma prática experimental que emprega múltiplas exposições, o uso de filtros de fotos coloridas, estroboscópios e outras manipulações para construir composições com objetos comuns. Ao fazer uso desses recursos, ele alcança efeitos imprevisíveis, que cultivam uma aura; linda, estranha, real, fantástica. DeWaters evoca o espaço ocluso ou ocultado entre o visível e o invisível. Na verdade, esses resultados não são adquiridos metodicamente, mas produzidos a partir de uma coreografia espontânea. O mundo de DeWaters é amarrado pelos espectros.

Entre suas publicações, destacam-se *Weapon*, *Shapely*, *Naked*, *Wan* (2016) e *Indigo* (2013). Recebeu também a prestigiosa Tierney Fellowship e esteve em exposições recentes na Higher Pictures, na Foley Gallery e na The Rubber Factory, todas em Nova York.

Dillon DeWaters

Refractory Mass, 2013

impressão de sublimação de pigmento sobre alumínio

edição 1 de 3 + 2 PA

76,2 x 60,96 cm



Erin Shirreff

n. 1975, Canadá (Kelowna, British Columbia). Vive e trabalha Nova York, EUA.

Erin Shirreff trabalha em vídeo, escultura e fotografia. Em grande parte, o uso dessas várias aplicações, que circulam umas ao redor das outras, sugerem novas possibilidades e posições. Em um corpo de trabalho, ela fotografa esculturas produzidas especialmente para esse fim, em uma operação que envolve a capacidade da fotografia de transmitir uma experiência escultural. Em outro corpo de trabalho, você tem a sensação de que a sugestão feita por essas imagens alterou a forma do objeto feito. Em outras obras, Shirreff torna essa peça mais literal ao fazer cianótipos com obras que também são exibidas como esculturas suspensas ou inclinadas. Em linhas gerais, ela explora questões sobre o que significa conhecer uma coisa através de sua imagem e como esse tipo de conhecimento influencia, tanto enriquecendo quanto empobrecendo, nossa experiência contemporânea. Nos trabalhos aqui, Shirreff imaginou a escultura através das assinaturas de um livro encadernado. Estamos vendo formas de duas páginas não consecutivas; como se ela tivesse separado um livro de suas próprias esculturas, sugerindo uma nova forma criada a partir do encontro aleatório do outro lado da dobra

Shirreff expôs amplamente, incluindo exposições individuais na Galeria de Arte Albright-Knox, Kunsthalle Basel, e Sikkema Jenkins & Co., em Nova York. Possui trabalhos em importantes coleções institucionais, como: Centre Pompidou, Paris, França; Museu de Belas Artes de Houston (MFAH), EUA; Museu de Arte Moderna (MoMA), Nova York, EUA; Museu Solomon R. Guggenheim, Nova York, EUA; entre outros.



Erin Shirreff

A.P. (no. 19), 2017

impressão de pigmento sobre papel archival

edição 1 de 4

86,4 x 116,8 cm

Hannah Whitaker

n. 1980, Washington/D.C., EUA. Vive e trabalha em Nova York, EUA.

Hannah Whitaker produz imagens através de um processo trabalhoso que emprega máscaras e exposições múltiplas em uma única folha de filme de 4x5 polegadas. A artista compara seu processo à programação, traçando paralelos entre o computador e a câmera. Nos últimos anos, esse processo tornou-se cada vez mais elaborado; e uma imagem finalizada pode envolver até 30 exposições diferentes. O uso de cores e objetos (cercas de arame, grade de metal e telas perfuradas sugerem cartões perfurados usados na primitiva computação, enquanto corpos recortados e formas repetidas evocam a simplicidade gráfica do *clip art*, com gestos de mão imitando o onipresente emoji. Todos esses aspectos são evidentes no tríptico de Whitaker: *OK, OK, OK, OK, OK, OK, OK* (2017), apresentado na 28ª edição de Roesler Hotel: *Screenspace*.

Exposições selecionadas incluem M + B, Los Angeles; Thierry Goldberg, Nova York; Galerie Xippas, Paris; e Rencontres d'Arles, França, onde foi nomeada para o Prêmio Discovery. *Peer to Peer*, a primeira monografia de Whitaker, foi publicada pela Mörel Books em 2015.



Hannah Whitaker

OK, OK, OK, OK, OK, OK, OK, 2017

fotografia

3 partes de 128,3 x 101,6 cm (cada)

Jibade-Khalil Huffman

n. 1981, Detroit, EUA. Vive e trabalha em Nova York, EUA.

Jibade-Khalil Huffman, poeta e artista visual, utiliza performance, fotografia, vídeo e palavra escrita para abordar questões de comunicação, política, raça, localização e verdade numa América de Trump, muitas vezes com todos os deslizes que estas categorias implicam. Os trabalhos fotográficos de Jibade-Khalil Huffman, expostos aqui, são experimentos relacionados a bases arquivísticas e procedimentos de colagem, referindo-se ao rompimento da nostalgia e da memória. São compostos por fragmentos digitalizados de revistas, enciclopédias e manuais de instrução que são cortados, camada por camada, seção por seção, para produzir uma nova composição. E embora esses trabalhos utilizem procedimentos de pintura, desenho e colagem, sua resolução como fotografias é fundamental. Isso pode ocorrer porque o processo de varredura comprime as informações do mundo de volta a uma única forma, da mesma forma que a linguagem (poética).

Huffman realizou exposições individuais recentes na Anat Egbi (Los Angeles), na Atlanta Contemporary (Atlanta, GA) e na Marianne Boeskey Gallery (Nova York). Foi incluído em exposições coletivas no Instituto Suíço (Nova York), na ICA Filadélfia, no Hammer Museum (Los Angeles), no MoCA Detroit e no The Studio Museum no Harlem. Também é autor de três livros de poemas, *19 Names For Our Band* (Fence, 2008), *James Brown is Dead* (Future Plan and Program, 2011) e *Sleeper Hold* (Fence, 2015).

Jibade-Khalil Huffman

Sem título (Office), 2016

impressão de jato de tinta sobre papel archival

edição 1 de 3

106,68 x 71,12 cm



John Houck

n. 1977, South Dakota, EUA. Vive e trabalha em Los Angeles, EUA.

John Houck baseia-se em sua experiência em programação de computadores e em sua estrutura repetitiva e algorítmica para interrogar questões de percepção humana e memória. Em seus trabalhos recentes, por exemplo, o artista apresenta naturezas-mortas feitas de objetos que lhe são queridos enquanto era criança, que ele tenta imaginar através de um processo recursivo representado na fotografia, mas também caro à pintura e ao design de software. Houck fotografa, reorganiza, refaz e fotografa novamente. As imagens dessas composições em camadas que Houck chama de "fotografias agregadas". Esses agregados falam, então, não apenas com sua raiz tecnológica, mas também com um modelo de como a imaginação e a lembrança alteram e distorcem as visões do passado.

As recentes exposições de John Houck incluem a individual *John Houck: Tenth Mountain* (2017) na Marianne Boesky Gallery, em Aspen, *The Anthologist* (2017) no Dallas Contemporary, em Dallas, e a coletiva *Ocean of Images: New Photography* (2015) no Museu de Arte Moderna (MoMA), em Nova York.

John Houck
Gilpin County, 2017
impressão de pigmento
edição 1 de 2 + 1 AP
66,04 x 83,82 cm



Jonathan Ehrenberg

Vive e trabalha nos EUA.

O trabalho de Jonathan Ehrenberg sugere uma experiência da realidade como construção; um mundo aparentemente coerente no qual coletamos informações sensoriais e imagens acumuladas internamente, como memórias, fantasias e livres associações. Embora o artista também apresente a ansiedade que fundamenta o seu pensamento, o senso de coerência em si aparece como uma ficção. Através de trabalhos de câmera inventivos e com fortes influências literárias, Ehrenberg cria mundos simultaneamente estranhos e sedutores, cheios de imagens desarticuladas e instáveis que ele tenta dar forma. Ele se interessa por um tipo de fracasso, no modo de lidar com diferentes modos de representação (pintura, desenho, escultura, fotografia, vídeo, animação), chegando ao fim ou não sendo suficientes para descrever as complexidades do real. Ehrenberg, que começou como pintor, passou a fazer vídeos imaginados e construídos elaboradamente no início da década e, desde então, mudou-se para um processo que mistura o artesanal e o virtual. Para o 28º Roesler Hotel: *Screenspace*, Ehrenberg apresenta *Ersatz 1* (2016) e *Ersatz 3* (2016). Essas obras começam com o artista fazendo objetos comuns de barro à mão, então escaneadas em 3D e trazidas para o espaço virtual, onde são organizadas em uma cena. Essa composição é impressa como uma fotografia e enquadrada no mesmo material em que Ehrenberg inicialmente esculpiu as formas. Esta atividade, e método de representação, chama a atenção para o estranho horizonte entre o espaço vazio do digital e o desejo de entender através do toque.

O trabalho de Ehrenberg já apareceu em exposições no MoMA PS1, no SculptureCenter, na Nicelle Beauchene Gallery (todas em Nova York), no LAXART (Los Angeles), no David Castillo (Miami) e no Futura Center (Praga).



Jonathan Ehrenberg

Ersatz 1, 2016

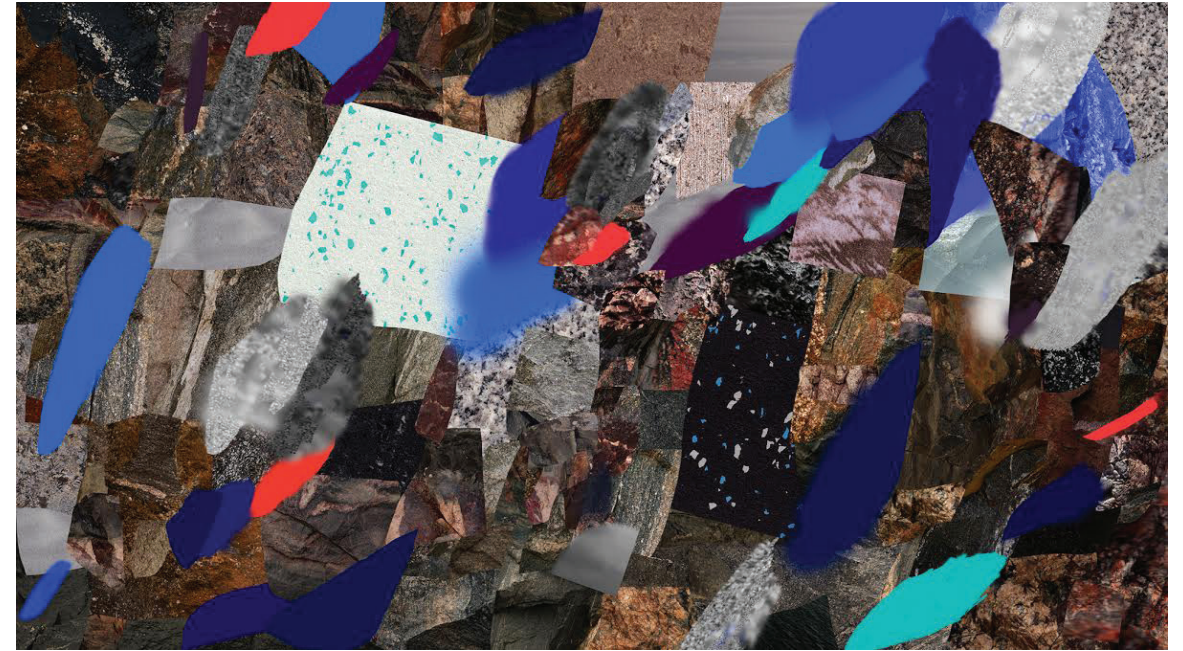
cópia fotográfica por sublimação sobre alumínio com moldura de argila
43,18 x 63,5 cm

Leah Beeferman

n. 1982, Nova York, EUA. Vive e trabalha em Helsinque, Finlândia.

Leah Beeferman trabalha em fotografia, vídeo e instalação de som. Seu trabalho frequentemente emprega modelos emprestados da ciência e da matemática para reimaginar a subjetividade e sugerir novas relações com o meio ambiente. Para a 28ª edição de Roesler Hotel: *Screenspace*, a artista apresenta *Density Drawing* (2014), uma composição constituída de fotografias de paisagens finlandesas, desenhos digitais e digitalizações de materiais orgânicos e sintéticos para imitar o efeito da sedimentação e escalas de tempo geológico que escapam ao olhar rápido da fotografia. Esse processo de colagem, então, olha para os processos em ação na paisagem glacial que ela está interessada em retratar e, assim, reimagina os termos e as possibilidades da própria fotografia de paisagens.

Em 2016, a artista recebeu o prêmio Fulbright para viajar para a Finlândia. A recente exposição de seu trabalho inclui Rawson Projects, NY, Klaus von Nichtssagend, NY; Bass & Reiner, São Francisco; Fridman Gallery, NY; Projetos interestaduais, Brooklyn; Tyson, Colônia; e Toves, Copenhagen. As publicações incluem o *Triple Point*, um livro de artista publicado por Lodret Vandret, Copenhagen. Ela co-coordena *Paralelogramos*, um projeto de artista em curso.



Leah Beeferman

Density Drawing, 2012

impressão inkjet montado em alumínio

91,44 x 162,56 cm

Leslie Hewitt

n. 1977, Nova York, EUA. Vive e trabalha em Nova York, EUA.

Leslie Hewitt trabalha na intersecção entre fotografia e escultura e no nexos entre o pessoal e o político. Ela o faz contrapondo livros e revistas historicamente significativos, extraídos de movimentos culturais afro-americanos dos anos 1960 e 1970, e suas próprias fotos de família, encenadas em espaços domésticos. Esses híbridos pessoais/políticos apresentam questões de identidade, história, política e natureza do envolvimento por meio da mera justaposição. A obra exposta na mostra, *Untitled (Perception)* (2013), vem de um grupo de trabalhos com os quais Hewitt fez sua primeira marca. Essas peças são todas grandes fotografias de naturezas-mortas destinadas a serem exibidas encostadas na parede, com a superfície da imagem estendendo o espaço da galeria para a imagem. Estamos destinados a estar lá com esses objetos, impressos perto do tamanho natural e a considerar os termos esculturais deles e da fotografia simultaneamente. A inclusão aqui de *The Fire Next Time*, de James Baldwin, um volume apaixonado que contém uma carta escrita ao sobrinho do autor sobre raça na América e um segundo ensaio sobre religião, é oportuna em um presente marcado pelos mais feios dos imaginários raciais dos Estados Unidos.

Hewitt tem um extenso histórico de exposições. Participou da Bienal de Whitney de 2008 e realizou exposições individuais no Museu de Arte Contemporânea de St. Louis, na Sikkema Jenkins & Co., no SculptureCenter e na Galerie Perrotin. Seu trabalho está em diversas coleções públicas, como: Museu de Arte Moderna (MoMA), em Nova York; Museu Guggenheim, Nova York; Museu de arte do Condado de Los Angeles, Los Angeles; The Studio Museum no Harlem, Nova York; entre outros.



Leslie Hewitt

Sem título (Perception), 2013

impressão cromogênica digital ed 2/3 + 1 PA

127,7 x 158,1 x 15,2 cm

Lucas Blalock

n. 1978, Asheville, EUA. Vive e trabalha em Nova York, EUA.

Lucas Blalock é talvez mais conhecido por colocar em primeiro plano as intervenções do Photoshop em suas fotografias, de maneiras tanto mágicas quanto toscas. Blalock é um fotógrafo experiente e competente, portanto, se suas manipulações de computador feitas de maneira grosseira parecerem transgressivas, há uma razão. Mas mesmo quando as fotos compartilham um pouco do humor pastelão, Blalock não faz da fotografia um bode expiatório. O trabalho de Blalock, em vez disso, envolve as maneiras pelas quais a falsidade ou a mecânica evidente nas fotografias pode trazer tanto a imagem quando o objeto fotografado para um foco mais nítido por meio da alienação da a visão "natural" geralmente associada às imagens fotográficas. O trabalho de Blalock emprega uma noção expandida da fotografia para considerar um mundo cada vez mais habitado pelas plasticidades do virtual. Blalock fotografa com uma câmera de grande formato e, depois de escanear o filme, digitaliza suas imagens para alterá-las com o Photoshop. No entanto, em vez de usar isso para refinar e preparar a imagem, o artista imagina o software como uma ferramenta de desenho em si, como pode ser visto em *Plants* (2013), o trabalho apresentado na 28ª edição de Roesler Hotel: *Screenspace*.

As fotos de Blalock foram incluídas em várias exposições internacionais em locais como o Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), o Walker Art Centre, The Hammer Museum, a Galeria de Arte Albright-Knox, Bergen Kunsthall e o Metropolitan Museum of Art. O mais recente projeto de Blalock, *Ketchup As a Vegetable*, uma exposição individual na Galerie Eva Presenhuber, em Zurique, se estende até 07 de abril de 2018. Blalock também produziu vários livros, incluindo *Towards a Warm Math* (Hassla, 2011), *Windows Mirrors Tabletops* (Morel, 2013), *Inside the White Cub* (Peradam, 2014), *SPBH Subscription Series Vol. IIV* (Self Publish Be Happy, 2014), *Making Memeries* (SPBH, 2016) e a próxima *A Grocer's Orgy* (IPrimary Information, 2018).

Lucas Blalock

Plants, 2013

impressão cromogênica ed 2/3

155 x 124 cm



Mariah Robertson

n. 1975, Indianapolis, EUA. Vive e trabalha em Nova York, EUA.

O trabalho de Mariah Robertson faz experiências com os materiais da fotografia analógica para criar exposições novas e inesperadas em papel sensível à luz. Para tanto, ela manipula não apenas a luz, mas também a química, para produzir impressões artesanais, muitas vezes coloridas, intuitivas, improvisadas e cegas (essas obras são produzidas na escuridão total). Em essência, Robertson está utilizando a natureza documental/indexada do papel fotográfico para fazer trabalhos em diálogo com a história da abstração e particularmente com o legado da *action painting*. Isso fica claro no trabalho apresentado no 28º Roesler Hotel: *Screenspace*, intitulado *175* (2014), que aponta para a passagem da fotografia molhada (câmara escura) para momento de sua secagem (digital).

O trabalho de Mariah Robertson foi mostrado amplamente em exposições, incluindo os projetos individuais *The Hydra*, em M + B (2018), Los Angeles; *Chaos Power Center*, 11R, Nova York (2017); *Photography Lovers' Peninsula*, em M + B (2015), Los Angeles; e em coletivas no MoMA PS1, em Nova York (2017); *Women in Colour*, Rubber Factory, Nova York (2017); *Process and Abstraction*, Museu de Arte de Cleveland (2015) e Museu de Arte Moderna (MoMA), Nova York (2013).



Mariah Robertson

175, 2014

tratamento químico único sobre papel RA-4

125,7 x 76,2 cm

Paul Mpagi Sepuya

n. 1982, San Bernardino, EUA. Vive e trabalha em Los Angeles, EUA.

Nas fotografias de estúdio de Paul Mpagi Sepuya, figuras masculinas, muitas vezes nuas, aparecem coladas, fragmentadas, envoltas em tecido e refletidas em espelhos. Fotografias rasgadas, coladas e cortadas obscurecem os objetos (e o fotógrafo), revelando e ocultando ao mesmo tempo; encerrando vários corpos e temporalidades em uma só imagem. *Mirror Study Selfportrait (Q5A2059)* (2016) e *Mirror Study (Q5A3521)* (2016), apresentados na 28ª edição de Roesler Hotel: *Screenspace*, são exemplos da exploração da identidade negra *queer* e das políticas do desejo.

O trabalho de Sepuya tem sido exibido nos principais museus, incluindo o Museum of Contemporary Art de Los Angeles; Studio Museum no Harlem; Franklin Art Works, em Minneapolis; e o Artist Institute, em Nova York. Entre as coleções públicas que exibem suas obras estão: Museu de Arte Moderna [MoMA], Nova York; Museu Whitney de Arte Americana, Nova York; Museu Solomon R. Guggenheim, Nova York; Centro Internacional de Fotografia, Nova York; Museu Irlandês de Arte Moderna, Dublin; e Carnegie Museum of Art, Pittsburgh. Sepuya recebeu o prêmio Rema Hort Mann em 2017 e o Prêmio de Artistas Emergentes, em Los Angeles.

Paul Mpagi Sepuya

Mirror Study Selfportrait (Q5A2059), 2016

impressão de pigmento sobre papel archival

edição 3 de 5

60,96 x 50,8 cm



Sara Cwynar

n. 1985, Vancouver, Canadá. Vive e trabalha em Nova York, EUA.

O trabalho de Sara Cwynar aborda a simultaneidade da cultura da imagem (e objeto) contemporâneo, à medida que a artista reorganiza esses acúmulos através de linhas que os tornam mais discerníveis, táteis e, em última análise, significativas. Ela está especialmente interessada na maneira como imagens e objetos se acumulam e mudam tanto no valor quanto no significado ao longo do tempo. Muitas vezes começando com imagens produzidas no estúdio, Cwynar as usa como uma linha de base para produzir e organizar campos de informação que refletem não apenas o conteúdo de vários materiais, mas também os modelos de fotografia de onde eles vêm. Isto está ligado com um interesse em uma espécie de indústria cinematográfica de objetos, também produzidos, como fotografias, em reprodução infinita no *boom* do plástico do final do século XX. Para Cwynar, esses materiais não são apenas aparelhos auto-reflexivos que vêm a si mesmos, mas um arcabouço para abordar os preconceitos do modernismo, como é evidente em *Tracy (Wrestler)* (2017), apresentado na 28ª edição de Roesler Hotel: *Screenspace*.

Exposições selecionadas incluem: *Hard to Picture: A Tribute to Ad Reinhardt*, Mudam, Luxemburgo; *Subjektiv*, Malmö Konsthall, Suécia; *You Are Looking at Something That Never Occurred*, Coleção Zabudowicz, Londres, Reino Unido (2017), *L'Image Volée*, Fondazione Prada, Milão, Itália (2016); *Greater New York*, MoMA PS1, Queens, Nova York (2015-16), *Under Construction – New Positions in American Photography*, Pioneer Works, Brooklyn, Nova York (2015) e *Everything in the Studio Destroyed*, Foam Photography Museum, Amsterdã, Holanda (2013).



Sara Cwynar

Tracy (Wrestlers), 2017

impressão de sublimação de tinta em alumínio sobre Dibond

edição 2 de 3

109,22 x 137,16 cm

Vik Muniz

n. 1961, São Paulo, Brasil. Vive e trabalha entre Rio de Janeiro, Brasil, e Nova York, EUA.

Vik Muniz é amplamente conhecido por suas fotografias inventivas que usam materiais cotidianos para renderizar imagens icônicas emprestadas da história da arte e da cultura popular, reconstruindo imagens do vasto campo da memória visual coletiva. Ao usar ilusões “ruins”, o trabalho de Muniz desafia os mecanismos de visão e percepção. O artista também se engajou em diversos projetos sociais, utilizando arte para promover a transformação social, como *Pictures of Garbage* (2008) e *Morro do Vidigal* (Rio de Janeiro), uma escola fundada em 2015 para oferecer alfabetização visual e cursos de tecnologia para a comunidade de crianças local que vivem na favela do Vidigal. Para a 28ª edição de *Roesler Hotel: Screenspace*, Muniz contribui com duas obras de uma de suas séries recentes, *Handmade* (2017), na qual apresenta um par de composições *trompe l’oil* que combinam objetos reais e fotografados em uma única imagem.

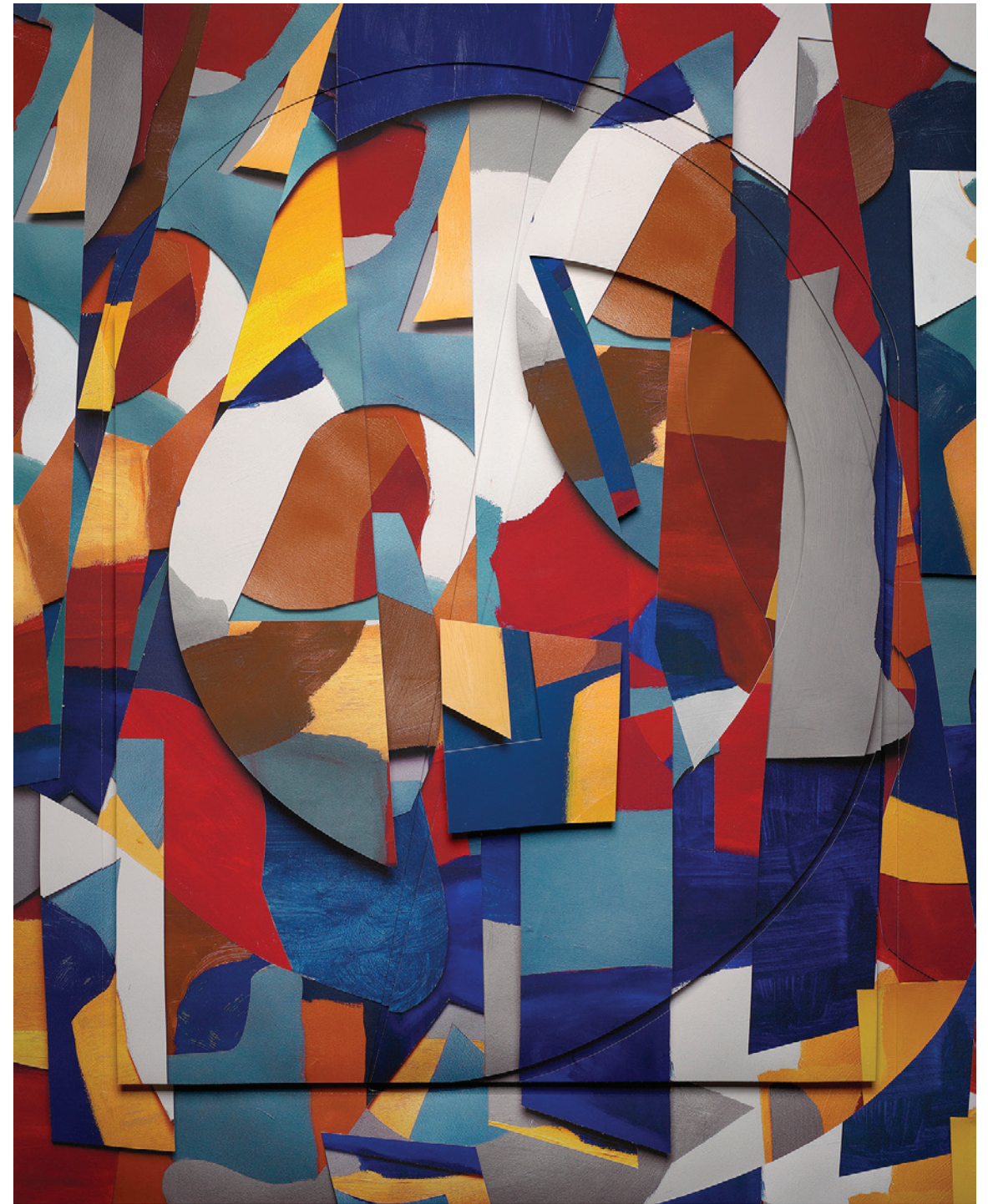
Suas obras fazem parte de importantes coleções públicas, como: Coleção Daros Latinamericana, Zurique, Suíça; Museu Nacional de Arte Moderna (Mnam/CCI), Centre Pompidou Paris, França; Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madri, Espanha; Museu Solomon R. Guggenheim, Nova York, EUA; Tate Modern, Londres, Reino Unido; Museu J. Paul Getty, Los Angeles, EUA; Museu Metropolitano de Arte (The MET), Nova York, EUA; Museu de Arte Contemporânea (MOCA), Los Angeles, EUA; Museu de Arte Contemporânea de Tóquio (MOT), Japão; Museu de Arte Moderna (MoMA), Nova York, EUA; Victoria and Albert Museum, Londres, Reino Unido; entre outros.

Vik Muniz

Handmade: Shapes and Levels, 2017

técnica mista sobre impressão inkjet em papel archival

127 x 101,6 cm



Whitney Hubbs

n. 1977, Los Angeles, EUA. Vive e trabalha em Nova York, EUA.

O trabalho de Whitney Hubbs está enraizado no *noir* e no experimental. Seus trabalhos recentes, simultaneamente contundentes e líricos, formais e improvisados, familiares e misteriosos, abrem para uma compreensão do estúdio como um espaço mais tenso e emocionalmente carregado do que a história da fotografia costumava ter. As investigações de Hubbs geralmente envolvem uma energia ansiosa que contrabalança a remoção fria da câmera. Para a 28ª edição de Roesler Hotel: *Screenspace*, a artista apresenta *Pretend Self Portrait # 4* (2018) e *Self Portrait # 2 (Cold)* (2018), que tanto imaginam o corpo quanto o *self* através da ausência. Hubbs aqui nos deixou para contemplar o material angustiado como um substituto para a própria artista.

As recentes exposições individuais de Whitney Hubbs incluem *Stutter Shutter* em Casemore Kirkeby e *Body Doubles* na M + B Gallery e no California Museum of Photography, Riverside. Também participou de exposições coletivas no Museu J. Paul Getty; ZieherSmith, Nova York; Ballroom Marfa; e Arturo Bandini. Seu trabalho está nas coleções permanentes do Museu de Arte do Condado de Los Angeles; Museu J. Paul Getty, em Los Angeles; Museu de Fotografia da Califórnia na Universidade da Califórnia, Riverside; e The Riot Grrrl Collection, coleções especiais da Biblioteca de Fales, Universidade de Nova York, Nova York.

Whitney Hubbs

Pretend Self Portrait #4 2018

impressão jato de tinta

edição 2 de 3

78,04 x 60,96 cm



Screenspace

curadoria de Vik Muniz, Lucas Blalock e Barney Kulok

Desde aproximadamente 2007, a atividade de artistas que usam fotografia passou por mudanças significativas. Isso aconteceu porque a própria fotografia mudou, ou seja, transformou-se para habitar seu novo lar no espaço digital. Quando o assunto é essa mudança, é comum falar em questões de veracidade, indexicalidade ou autenticidade. No entanto, essas não são as questões mais urgentes, pois há muito tempo que os artistas contam todos os tipos de meias verdades por meio da fotografia.

Para o artista, o que mudou de forma mais expressiva segue duas vertentes principais. Por um lado, agora existe um arquivo público e de acesso imediato com milhões de imagens que são acrescentadas dia após dia. Esse imenso catálogo complica o papel do fotógrafo como aquele que vê ou que percebe o menor detalhe ou o invisível, especialmente porque cada vez mais tudo está na ponta de nossos dedos. É até possível que você consiga achar imagens do quarto de hotel em que ficou nas férias, mesmo que não tenha tirado nenhuma fotografia dele. Livre da necessidade de assumir esse papel, o fotógrafo se volta para estratégias de feitura de imagens e objetos que aplicam aquilo que Jeff Wall chama de “enfático”. Significa que essa nova geração de artistas está enfatizando a intenção em seu trabalho fotográfico e trazendo à tona as qualidades mediadas e mediadoras de se olhar para uma fotografia. E, ao fazê-lo, também separa sua foto daquelas presentes nas enormes reservas da Internet.

Por outro lado, pela primeira vez na história da fotografia, é possível fazer e distribuir uma foto sem fazer um objeto, o que estimulou um autoquestionamento sobre o significado de insistir que fotografias sejam impressões físicas. A variedade de respostas a essa pergunta impulsionou a fotografia contemporânea para um discurso voltado para o objeto. Esse discurso varia desde a fotografia concreta, com trabalhos que exploram as propriedades dos materiais fotográficos, até propostas espaciais apresentadas como fotografias e fotos como material escultórico.

Entretanto, nenhuma dessas atividades é inédita, mas essa nova eflorescência agora sublinha posições que, antes, estavam renegadas a uma posição marginalizada na história desse meio. Agora mais do que nunca, a fotografia é a língua franca do mundo moderno na nossa era de smartphones, notícias 24 horas por dia e redes sociais. Mas essas condições tecnológicas são apenas uma parte da história, pois os artistas estão confrontando a realidade social, cultural e política que constitui o próprio conteúdo desses fluxos midiáticos e o caráter de nosso tempo.

Fazer um trabalho com fotografia requer o exame dessa língua franca para revelar oportunidades perdidas, inconsistências convencionais, possibilidades políticas e ressonâncias poéticas. Ao fazê-lo, o artista reivindica seu espaço em um universo imagético tão congestionado e troca parte da rarefação da arte pela inteligibilidade abrangente de uma forma cultural amplamente utilizada. Os artistas desta exposição estão tecendo soluções para essas

condições e marcando o retorno de sua presença no mundo material com um suporte que se tornou inerente ao virtual.

A exposição inclui trabalhos de Anna K.E., Awol Erizku, Barney Kulok, Chris Wiley, Daniel Gordon, Deana Lawson, Dillon DeWaters, Erin Shirreff, Hannah Whitaker, Jibade-Khalil Huffman, John Houck, Jonathan Ehrenberg, Leah Beeferman, Leslie Hewitt, Lucas Blalock, Mariah Robertson, Paul Mpagi Sepuya, Sara Cwynar, Vik Muniz e Whitney Hubbs.

screenspace curated by / curadoria de
vik muniz, barney kulok, lucas blalock

roesler hotel #28

galeria

nara roesler

roesler hotel #28: screenspace
curadoria de vik muniz, barney kulok, lucas blalock

abertura

terça-feira, 10 de abril

18h > conversa com os curadores

exposição

11 de abril - 30 de maio, 2018

segunda a sexta > 10h - 19h

sábado > 11h - 15h

galeria@nararoesler.art

www.nararoesler.art